

LEITURA EM SALA DE AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA

**Diego Roberto dos Santos¹, Elaina Ferreira Miguel², Mariangela Gifoni Tierno³,
Roberta Valentini Moereira Sodero Victorio⁴, Teresinha de Fátima Nogueira⁵**

¹UNIVAP/Especialização em Letras, R. Três, 160, Caputera - Caraguatatuba, SP.
E-mail: drsdiego@uol.com.br

²UNIVAP/Especialização em Letras, R. Danúbio, 384, Balneário Paraíba – Jacareí, SP.
E-mail: eferreiramiguel@yahoo.com.br

³UNIVAP/Especialização em Letras, R. Francisco P. Filho, 394, Vila Industrial – São José dos Campos, SP.
E-mail: marytierno@yahoo.com.br

⁴UNIVAP/Especialização em Letras, Av. Pereira Campos, 211, ap. 4, Jardim Dindinha – Jacareí, SP.
E-mail: rvmsv@yahoo.com.br

⁵UNIVAP/Faculdade de Educação/Letras, Av. Shishima Hifumi, 2911, Urbanova, São José dos Campos, SP.
E-mail: terenog@univap.br

Resumo- Este trabalho pretende analisar as concepções de leitura em língua materna do ponto de vista de alunos da educação básica e, a partir dessas visões, apresentar práticas leitoras baseadas em uma concepção crítica da leitura. Foi feito um questionário com alunos do Ensino Fundamental e Médio de escolas públicas com o objetivo de conhecer melhor suas idéias sobre o assunto. O referencial teórico adotado para análise foi embasado em textos de Ezequiel Teodoro da Silva, pois compartilhamos de sua visão de que a leitura crítica precisa ser ensinada e incentivada e é através dela que o sujeito vai refletir e contestar as idéias dos textos. Os resultados revelaram que os discentes ainda têm uma concepção de que ler é decodificar palavras e/ou unidades lingüísticas maiores. Nesse sentido, faz-se necessário introduzir aos alunos outra(s) visão(ões) de práticas leitoras, sendo que, no nosso caso, foi a leitura crítica.

Palavras-chave: concepções de leitura, leitura crítica, papel do professor, ponto de vista do aluno.

Área do Conhecimento: Lingüística, Letras e Artes

Introdução

Este trabalho pretende analisar as concepções de leitura em língua materna do ponto de vista de alunos da educação básica e, a partir dessas visões, apresentar práticas leitoras baseadas em uma concepção crítica da leitura. (SILVA, 2002)

Não existe só uma maneira de ler. Existe, sim, uma variedade de leituras, adaptadas a intencionalidades diversas, cada uma representando uma possível resposta a uma determinada situação de leitura. A escola não tem levado em conta as diversas modalidades de leitura. Ao contrário, a escola continua se preocupando exclusivamente com um modelo imutável de leitura, voltado somente aos livros, à escrita literária. A consequência dessa prática é que nossos alunos não sabem ler um texto e se posicionar sobre o assunto do mesmo. Eles estão acostumados com as “receitas” de interpretação de texto trazidas pelos livros didáticos. Muitas vezes, eles nem lêem os textos. Eles lêem as perguntas e procuram as respostas. Não existe uma atividade de reflexão e de questionamento sobre o texto.

Os alunos, de uma maneira geral, têm uma concepção inadequada do que seja a leitura. Muitos não dão importância alguma para a leitura, geralmente porque, na escola, essa atividade está

distante de sua realidade e não faz sentido algum para eles.

Com o objetivo de conhecer melhor suas idéias sobre o assunto foi feito um questionário com alunos do Ensino Fundamental e Médio de escolas públicas. O referencial teórico adotado para análise foi embasado em textos de Ezequiel Teodoro da Silva (2002), pois compartilhamos de sua visão de que a leitura crítica precisa ser ensinada e incentivada e é através dela que o sujeito vai refletir e contestar as idéias dos textos.

Material e Métodos

Nosso primeiro passo foi analisar os modelos de leitura mais significativos, de acordo com Kato (1987).

Na concepção estruturalista, a leitura é um processo mediado pela compreensão oral. O leitor produz, em resposta ao texto, sons da fala (leitura oral) ou movimentos internos substitutivos (leitura silenciosa) e é essa resposta – estímulo que é associada ao significado. A leitura é vista como um processo instantâneo de decodificação de letras e sons. O sentido está associado às palavras e frases, ou seja, depende diretamente da forma. Nessa visão, o texto ganha existência própria, independente do sujeito e da situação de

comunicação. O leitor recebe apenas o saber contido no texto.

No modelo de processamento de dados qualquer tarefa cognitiva pode ser analisada em etapas ordenadas. Segundo Gough, ocorrem as seguintes etapas em um segundo de leitura: identificação letra por letra, da esquerda para a direita; interpretação das letras em fonemas; depósito dos itens lexicais na memória (compreensão em nível sentencial) e aplicação de regras fonológicas a essa sentença interpretada. Esse modelo é linear e indutivo, e não faz referência ao uso de estruturas maiores.

Na leitura sem mediação sonora, de acordo com Luria, o leitor aprende a reconhecer palavras como indivíduos, adivinha o sentido da palavra como um todo. Nesse processo o contexto da palavra o ajuda bastante. Segundo essa concepção, teríamos um léxico visual. A leitura é entendida como uma atividade de reconhecimento e de compreensão e não como uma atividade que exige uma recodificação sonora, a qual levaria ao significado.

O modelo de análise pela síntese é comparado a uma adivinhação. Síntese consiste na construção de unidades maiores a partir de unidades menores. Por outro lado, quando partimos do todo para chegar às unidades constitutivas, o processo é de análise. É dada ênfase no uso da hipótese e da antecipação, como uma adivinhação. Ler seria uma seqüência de processos: formação de hipóteses, síntese de dados e confirmação / desconfirmação. A leitura bem sucedida não depende apenas desse jogo de adivinhação. Um mau leitor pode ser caracterizado tanto pelo uso excessivo de estratégias sintéticas, como pelo abuso de adivinhações não-autorizadas pelo texto.

No modelo construtivista, o contexto é introduzido como um fator que afeta a leitura. O sentido do texto depende da visão de mundo do leitor. O significado não está nas palavras; a língua é uma base para a criação de sentido. O leitor constrói sua significação conforme sua visão de mundo e experiência.

Pelo modelo reconstrutor, a leitura seria uma reconstrução dos processos de produção. Esse modelo vê o ato de ler como uma intenção do leitor com o próprio autor, em que o texto apenas fornece pistas das intenções deste último. Em alguns textos essa intenção é explícita, mas nem sempre esse objetivo está claramente exposto, e é função do leitor descobri-lo. O leitor é encarado como participante de um ato de comunicação, na medida em que interage com o texto, buscando as intenções do autor.

Kato (1987) também menciona os processos metacognitivos que não são exatamente um modelo de leitura. As estratégias metacognitivas são características do leitor maduro. É um

processo consciente, em que o leitor pensa e analisa até chegar à compreensão do texto.

Depois de analisar modelos de práticas leitoras, nosso próximo passo foi a análise da leitura através da criticidade, a qual foi baseada em textos de Ezequiel Theodoro da Silva (2002). Acreditamos que é através da leitura crítica que temos sujeitos produtores de sentido. O percurso do leitor crítico é sustentado pela suspeita diante dos temas apresentados nos textos e por uma sensibilidade para os aspectos da linguagem escrita. Além disso, o leitor também vai refletir e transformar as idéias. Por isso a leitura crítica sempre leva à construção de outro texto, que será o do próprio leitor.

Segundo Silva (2002, p. 24), “a escrita, como qualquer outro meio de comunicação numa sociedade dividida em classes, pode servir a propósitos de alienação ou de emancipação / libertação”. Por isso a necessidade das práticas de leitura crítica nas escolas. Do contrário estaremos impedindo o desenvolvimento da capacidade crítica.

A leitura crítica está relacionada à maturidade do leitor. É uma prática que deve ser ensinada e incentivada pelas escolas. Através dela, o “sujeito abala o mundo das certezas, elabora e dinamiza conflitos, organiza sínteses, enfim combate assiduamente qualquer tipo de conformismo, qualquer tipo de escravização às idéias referidas pelos textos”. (SILVA, 2002, p.26)

A principal razão da leitura crítica é a busca da transformação da realidade, em que os cidadãos possam compreender suas contradições e agir buscando uma sociedade mais justa.

Criticidade tem a ver com cidadania e atitude. Deve ser usada com o objetivo de desmascarar a ideologia e a dominação social. O leitor crítico analisa e examina as evidências apresentadas nos materiais escritos. A partir dessa análise, chega a um posicionamento. (SILVA, 2002: p. 28)

Acreditamos que é através da leitura crítica que o aluno produz sentido, pois ele busca esse posicionamento diante do texto. Dessa maneira, é necessário analisar o ponto de vista do aluno com relação à leitura para, a partir daí, introduzir uma outra visão sobre o assunto.

O próximo passo foi a análise do assunto a partir do ponto de vista de nossos alunos. Foi realizada uma pesquisa com trinta e três (33) alunos do Ensino Fundamental de uma escola pública de São José dos Campos e vinte e cinco (25) do Ensino Médio de uma escola pública de Jacareí (ambas são cidades do interior de São Paulo). Os alunos deveriam responder a um questionário por escrito contendo algumas questões sobre leitura (em anexo).

Resultados

O resultado dessa pesquisa mostrou o distanciamento entre leitura e a realidade do aluno, pois há um desinteresse muito grande com relação ao ato de ler; os alunos geralmente reproduzem a prática do professor ao interpretar um texto, a qual, geralmente, está baseada nos livros didáticos; também não conseguem se posicionar diante do assunto do texto. Tal fato evidencia que a leitura não faz sentido algum para eles, por isso está distante de sua realidade.

Trinta e um alunos relacionaram o ato de ler com *status* e prestígio social. Acreditam que, para conseguir um bom emprego ou ser um bom profissional, é importante o ato de ler. Como, por exemplo, o aluno 1 respondeu que devemos aprender leitura *para termos um bom futuro, ou seja, ser alguém na vida, pois sem leitura não identificamos nada. É muito importante*¹.

O aluno 2 disse que ler mais é importante para arranjar um emprego melhor. Ao responder uma questão sobre a importância da leitura ele escreveu:

A importância da leitura é que você ler mais do que já lê você pode saber mais. E lendo você pode escrever melhor, se expressar melhor fazer coisas melhores do que já faz e pode saber mais e até pode saber a ler melhor. Pode até arranjar um emprego melhor.

Também percebemos aqui a importância da leitura como meio para se falar corretamente e escrever bem, ou ainda, para aprender conteúdos gramaticais. Essa visão foi demonstrada pela maioria dos alunos (quarenta). Assim como na concepção estruturalista, a leitura é vista com processo de decodificação das letras e sons; o sentido depende da forma. Também é a visão adotada por muitos livros didáticos, a leitura é usada para ensinar gramática, para ampliar o vocabulário e não há um questionamento sobre as idéias contidas nos textos. O aluno 3, ao responder a questão sobre o que se pretende aprender através da leitura, escreveu:

Eu pretendo aprender através da leitura ter uma escrita correta, saber conhecer a gramática das palavras e obter informações necessárias que me leve a reflexão e o interesse ao ler um texto.

O aluno 4 mencionou que:

Eu pretendo aperfeiçoar o meu português, conhecer algumas características de lugares históricos falados em livros. Aprender sobre literatura, conhecê-la mais.

O aluno 5 afirmou:

Leitura é uma coisa que você ler e pode ficar melhor na leitura, na escrita, na fala e em muitas outras coisas, é muito importante ler mas tem gente que não se interessa na leitura por isso que tem muita gente que não sabe ler, escrever é por

causa que não se interessão pela leitura. Por isso que é importante ler.

Outros mostram um total desinteresse pelo assunto indicando que a leitura não faz sentido algum em sua vida. O aluno 6 respondeu, por exemplo, que a leitura não serve para nada e que ele não pretende aprender nada lendo. Uma das possibilidades de entender esse ponto de vista é decorrente da prática utilizada pelo professor em sala de aula.

Os alunos também estão presos ao modelo de leitura trazido em muitos livros didáticos, onde ler é uma atividade mecânica para responder a um questionário de "interpretação do texto", em que só há uma resposta certa e que, provavelmente, é a do livro do professor. O aluno 7, ao responder a pergunta: *A leitura é igual para todos?*, afirmou:

As vezes sim, as vezes não, depende da maneira que você interpreta o texto. Tem gente que interpreta de maneira errada. Pra você interpretar de maneira correta você tem que reler várias vezes aquilo que não conseguiu entender, ou talvez até procurar no dicionário palavras que você não conhece.

O aluno 8 faz referência ao uso dos questionários usados para interpretação dos textos, prática muito freqüente nos livros didáticos. Ao responder a questão: *Como quero aprender a leitura?*, ele escreveu:

Quero aprender leitura lendo um texto e analisando-o depois em um questionário, isso também valerá com um livro, só que com este seria melhor um resumo.

Embora o aluno critique a prática de leitura adotada pelo professor, ele a reproduz.

Dezoito alunos do Ensino Fundamental disseram que gostariam de ser avaliados através da leitura em voz alta. Ler bem, para eles, seria ler em voz alta pronunciando corretamente as palavras e prestando atenção à pontuação. O aluno 9 escreveu:

Quero ser avaliado em leitura, quando leio alto e pronuncio as palavras corretamente.

Discussão

Essas práticas de leitura sustentadas por um entendimento limitado, incoerente e reproduzidor são desmotivadoras e trazem concepções inadequadas a respeito da leitura, que é vista apenas como decodificação, principalmente quando é feita através das atividades mecânicas dos livros didáticos. A leitura também é concebida como meio de avaliação, inibindo a formação de leitores. Ela é autoritária, quando permite somente uma maneira de entender o texto, apenas uma interpretação. (KLEIMAN, 2002)

No entanto, sabemos que leitura é muito mais que isso e que a experiência do leitor é fundamental para construir o sentido.

Para superar as dificuldades de se trabalhar leitura, o professor deve considerá-la enquanto processo interativo entre leitor e texto, e entre leitor e autor, deve levar em conta as várias leituras possíveis de um texto. A experiência do leitor é indispensável para construir o sentido. Leitura é interlocução, é interação, é produção de sentido, é uma prática social.

O professor deve estabelecer objetivos, planejar, apresentar diferentes pontos de vista, construir em sala de aula uma atmosfera de confiança e abertura que alimente a discussão e o debate.

Nas palavras de Silva (2002, p. 30) “ensinar a ler criticamente significa, antes de mais nada, dinamizar situações em que o aluno perceba os dois lados de uma mesma moeda ou, se quiser, os múltiplos lugares ideológico-discursivos que orientam as vozes dos escritores na produção de textos.”

O docente deve estar aberto aos julgamentos dos outros leitores, deve estabelecer possibilidade de críticas e de debates, visando o esclarecimento e análise, deve entender que os conflitos são os motivadores das mudanças.

Depois de entender melhor o que os alunos pensam sobre leitura, acreditamos que é necessário introduzir outras visões e outras práticas leitoras. Para isso, as alternativas do professor são: trabalhar com diferentes tipos de texto e não apenas com os trazidos pelos livros didáticos; apresentar pontos de vista diferentes sobre um mesmo assunto e levar o aluno a seu próprio posicionamento; promover um questionamento sobre as idéias e informações contidas nos textos e não somente trabalhar os questionários trazidos pelos livros didáticos; promover debates e discussões, fazer ligações com outros textos, levar à produção de sentido e não limitar o entendimento; planejar e esclarecer os objetivos; entender e, levar os alunos a esse entendimento, que não existe só uma maneira de ler, mas, sim, uma variedade de leituras com diversas intencionalidades; e, finalmente, dessa maneira, desenvolver a leitura crítica.

Isso depende da prática em sala de aula. A escola deve ser o lugar onde os alunos possam refletir, questionar, posicionar-se, construir, agir e transformar.

Conclusão

O ensino de leitura no atual contexto da escola brasileira ainda exige um estudo detalhado de como, o que, para que e para quem ensinar; o objetivo deste artigo é tratar da questão de formar leitores críticos e conscientes dentro do ambiente escolar e do planejamento das atividades de leitura. A partir de uma concepção de leitura crítica, o professor tem um papel importante como

mediador, devendo privilegiar as experiências de leitura dos alunos e a criticidade das diversas contradições geradoras de pobreza, miséria, injustiça e violência social. (SILVA, 2002)

Tal criticidade, enquanto o emblema da cidadania e o valor atitudinal são trabalhados ideologicamente por aqueles que detêm o poder econômico e político, porque manter e reproduzir os esquemas de privilégio dependem, fundamentalmente, da ignorância e do conformismo, aqui tomadas como formas de escravização da consciência. (SILVA, 2002)

A leitura, como prática social, também deve considerar as experiências e os níveis de leitura dos alunos, por isso a necessidade das práticas de leitura crítica nas escolas. Não trabalhar a partir de tal prática pode significar a manutenção da consciência ingênua junto aos professores e estudantes e, num longo prazo, pode impedir o desenvolvimento da capacidade crítica.

A concepção de leitura dos alunos também deve ser levada em conta, é preciso conhecer para quem ensinar a ler de maneira mais proficiente, sendo válida uma avaliação diagnóstica.

As competências de leitura crítica não aparecem automaticamente: precisam ser ensinadas, incentivadas e dinamizadas pelas escolas.

Referências

- KATO, Mary A. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolingüística*. São Paulo: Editora Ática, 2ª. edição, 1987.
- KLEIMAN, Ângela. *Oficina de leitura – teoria e prática*. Campinas: Pontes Editores, 2002.
- SILVA, Ezequiel T. da. *Criticidade e leitura*. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

Nota

¹ Todos os enunciados dos alunos foram transcritos fielmente.

Anexo

Questionário utilizado para a pesquisa com os alunos:

- 1- Por que aprender leitura?
- 2- A leitura é igual para todos?
- 3- O que você pretende aprender através da leitura?
- 4- Como quero aprender a leitura?
- 5- Como devo ser avaliado na leitura?